

**A EXPROPRIAÇÃO DO TRABALHO DOS MARCENEIROS DE
MUZAMBINHO NO CONTEXTO DA REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA
DO SUL DE MINAS GERAIS**

**THE EXPROPRIATION OF LABOR AMONG CARPENTERS IN
MUZAMBINHO WITHIN THE CONTEXT OF PRODUCTIVE
RESTRUCTURING IN SOUTHERN MINAS GERAIS**

**LA EXPROPIACIÓN DEL TRABAJO DE LOS CARPINTEROS DE
MUZAMBINHO EN EL CONTEXTO DE LA REESTRUCTURACIÓN
PRODUCTIVA DEL SUR DE MINAS GERAIS**

Evânio dos Santos Branquinho¹

 <https://orcid.org/0000-0001-6867-9740>

Débora Cristina dos Santos²

 <https://orcid.org/0009-0009-9528-7537>

RESUMO

O capital e a descartabilidade na indústria de transformação realizam a expropriação do trabalho artesanal, modificando as relações de produção vinculadas à técnica e ao desenvolvimento de um ofício, transformando-as em ocupações distintas em graus técnicos e autônomas, cujos trabalhadores não detêm o conhecimento integral daquilo que produzem. Considerando este cenário, o presente trabalho aborda o processo de expropriação do trabalho dos marceneiros ao especialmente ao longo das duas últimas décadas, identificando as transformações das relações de trabalho, da manufatura, do artesanato urbano e como estes processos estão presentes no espaço da cidade de Muzambinho-MG ao longo do processo de obsolescência programada e da perda da identidade do trabalhador artesanal, degradando a profissão com o avanço do meio técnico-científico.

Palavras-chave: expropriação; artesanato urbano; trabalhador manual; pequena cidade; marcenaria.

ABSTRACT

Capital and the disposable nature of the manufacturing industry drive the expropriation of artisanal labor, reshaping

¹Bacharelado e licenciatura em Geografia (Universidade de São Paulo), mestrado e doutorado em Geografia Humana (Universidade de São Paulo). Tem experiência na área de Geografia Urbana, atuando principalmente nos seguintes temas: produção do espaço urbano, segregação socioespacial, intervenção do Estado, cotidiano e lugar. Professor no Curso de Geografia na Universidade Federal de Alfenas-MG, nas modalidades Bacharelado e Licenciatura, desde 2008. Professor do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO-UNIFAL-MG) desde 2019.

²Licenciada em Geografia pela Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG) e cursa o bacharelado na mesma instituição. Atuou como bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e desenvolve Iniciação Científica com financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), focado em Geografia do Trabalho, destacando o trabalho e seus aspectos no município de Muzambinho.

production relations tied to technique and the development of craftsmanship. These relations are transformed into fragmented technical roles, where workers lack holistic knowledge of what they produce. Against this backdrop, this study examines the process of labor expropriation among carpenters over recent decades. It identifies shifts in labor relations, manufacturing practices, and urban craftwork, as well as how these processes manifest in the city of Muzambinho, Minas Gerais. The analysis highlights the role of planned obsolescence and the erosion of artisanal worker identity, ultimately degrading the profession within a techno-scientific framework.

Keywords: expropriation; urban craftwork; manual laborer; small town; carpentry.

RESUMEN

El capital y la prescindibilidad de la industria manufacturera realizan la expropiación del trabajo artesanal, modificando las relaciones de producción vinculadas a la técnica y al desarrollo de un oficio transformándolas en profesiones separadas en grados técnicos y desintegrados, cuyos trabajadores no tienen los conocimientos lo que producen. Considerando este escenario, este trabajo aborda el proceso de expropiación del trabajo de los carpinteros a lo largo de las últimas décadas, identificando las transformaciones en las relaciones de trabajo, manufactura, artesanía urbana y cómo estos procesos están presentes en el espacio de la ciudad de Muzambinho - MG. proceso de obsolescencia programada y pérdida de la identidad del trabajador artesanal, degradando la profesión en todo el ámbito técnico-científico.

Palabras clave: expropiación; artesanía urbana; trabajador manual; villa; carpintería.

INTRODUÇÃO

O ser humano, na ordem atual, é entendido como um ser social com uma vida despojada de sentido, sendo o produtor do mundo e o produto da sociedade. O espaço produzido por este sujeito e pelo capital, juntamente com a apropriação privada, aliena o produtor do produto, detendo estes uma contradição entre o seu emprego e a apropriação individual.

O espaço, como indicado por Corrêa (1989), é produzido através de um jogo dialético de forças de concentração do capital, que são impulsionadas por interesses industriais, produzindo uma reserva de mão de obra. Nesse contexto, as pequenas cidades, a exemplo de Muzambinho-MG, produzem forças de dispersão, constituindo fenômenos urbanos expressivos em suas regiões, concomitante ao que ocorre nas grandes metrópoles brasileiras.

Nessa perspectiva, a análise temporal ocorre através da investigação histórica do tema no contexto de industrialização brasileira, no qual se verifica o surgimento do setor moveleiro, levando em consideração a escala das pequenas cidades, além do desenvolvimento da produção de móveis no Brasil que, iniciada no final do século XIX, trouxe importantes mudanças técnicas ao longo do tempo.

O trabalho, sob a perspectiva geográfica, como afirmado por Thomaz Júnior (2002), é compreendido como uma expressão de uma relação entre o ser social e a natureza, com o *ir sendo* ou o *ir vir* ligado ao processo de humanização do ser humano, que cria e renova as condições de reprodução. O

trabalho vai além da reprodução do ser vivo na biologia e envolve a realização do ser humano, em que a sociedade se modifica perante o trabalho e além da sobrevivência imediata. Para isso, é preciso compreender o trabalho como algo que é social e contém o espaço geográfico, pois compreende categorias, como o lugar, o território e a região que, por sua vez, condicionam as relações sociais.

A degradação constante do meio ambiente, as inovações tecnológicas e a força humana que se sente exaurida são vinculadas a essas relações trabalhistas, modificando as estruturas produtivas, as novas relações territoriais de produção, distribuição e circulação que são dinamizadas na sociedade e no espaço geográfico, desconcentrando as indústrias e o capital, reordenam o território. Isto envolve mudanças na gestão do trabalho, com a transformação do trabalho industrial, as novas formas de proletarização (trabalho precário e periódicos), a superexploração, a exclusão de trabalhadores jovens e velhos, o aumento do trabalho infantil.

O discurso de que a sociedade atual deve se tornar mais flexível e desregulamentada para potencializar as relações produtivas, a exemplo das reformas no ensino, entretanto, isso viola a legislação trabalhista e os direitos conquistados a duras penas mediante a mobilização dos trabalhadores ao longo do tempo.

O trabalho pode aparecer com um significado simples, porém, é uma categoria antiga e, ao mesmo tempo, moderna. Marx (2011) ressalta que na sociedade capitalista houve um enorme progresso referente ao sistema manufatureiro que transpôs a fonte de riqueza material para uma atividade coletiva e subjetiva, sendo este o resultado universal do trabalho. Assim, deve-se levar em consideração que a abstração do trabalho geral não é apenas a resolução subjetiva e imaterial visando uma maior produtividade mas, de modo dialético, também diz respeito à totalidade concreta do trabalho.

Nesse sentido, o objetivo principal da presente pesquisa busca compreender como as relações de produção sob o capitalismo e a descartabilidade na indústria de transformação no setor moveleiro expropriam o trabalho artesanal do marceneiro, assim como analisar a influência das marcenarias no sul de Minas Gerais, ao abordar mais especificamente o ofício dos marceneiros na cidade de Muzambinho-MG e sua espacialização. Esta pesquisa tem como origem o Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no curso de Geografia, da Universidade Federal de Alfenas, em 2024.

METODOLOGIA

A pesquisa apoia-se no método materialismo histórico e dialético, discutindo as contradições existentes no processo que implica na degradação do ofício do marceneiro e o surgimento do moveleiro, com base em dados qualitativos e quantitativos para apreender essas transformações socioeconômicas, as quais envolvem as relações de produção capitalista e os condicionamentos do espaço geográfico.

Segundo Marx (2011, p. 76-88), o método envolve um movimento regressivo-progressivo, categorial e histórico. A partir do contexto presente, procede-se à regressão histórica e analítica das categorias, e depois sua progressão e síntese das múltiplas determinações em restituição à materialidade do presente, mas agora de um modo organizado, com a articulação teórica e prática. Dentro dos propósitos desta pesquisa, enfoca-se na categoria trabalho e sua materialidade espaço-temporal da cidade de Muzambinho-MG nas primeiras décadas do século XXI e a problemática da reestruturação produtiva.

Os procedimentos metodológicos compreendem: revisão bibliográfica da literatura do ofício de marcenaria, da industrialização do setor moveleiro e da espacialização morfológico-funcional nas pequenas cidades. Em busca de informações referentes a esta profissão, a pesquisa documental foi feita através de relatórios e registros sobre o tema. Demandou também a busca de dados secundários, utilizando estatísticas do IBGE, BNDES e Novo Caged, referente ao número de empregos formais por profissões.

A pesquisa documental foi essencial, com materiais que ainda não receberam um tratamento analítico sobre o ofício de marcenaria, os quais foram elaborados há muitos anos, tais como os catálogos das chapas de MDF. Além destes, foram usados documentos oficiais, reportagens, fotografias e gravações. De outro lado, a presença de fontes secundárias, como relatórios de pesquisa e de empresas do setor.

No âmbito de uma abordagem qualitativa, foram realizadas dez entrevistas semi-estruturadas com os marceneiros na cidade de Muzambinho entre os meses de agosto e setembro, utilizando de entrevistas semi-estruturadas e conversas informais, visando à caracterização de seu trabalho, em termos do espaço local e das competências individuais, investigando e reconstruindo o modo de trabalho de pequenos grupos, com vistas a descrever as práticas, os artefatos e o que ocorre nas interações sociais.

Para a elaboração da coleta de dados qualitativos, foi levantado um grupo delimitado de marceneiros, com a seleção dos dados apresentados, usando um conjunto de técnicas, entre estas: a

observação participante e a sua contextualização, por meio de anotações, acerca do modo de vida, o modo de trabalho e a estrutura social do grupo pesquisado.

Empregou-se o uso de registros fotográficos além da utilização de material cartográfico para indicar a espacialização, através da observação em campo coletando as informações sobre os aspectos do meio, recolhendo e registrando os fatos da realidade (Boni; Quaresma, 2005).

A coleta de dados utilizada na pesquisa envolve uma amostra do grupo de marceneiros no município, identificando quem são e suas rotinas de trabalho. Os instrumentos utilizados foram as entrevistas semi-estruturadas, através do emprego de algumas questões norteadoras. Leva-se em consideração o ponto de vista dos membros do grupo, observando os aspectos históricos, culturais e econômicos (Gil, 1999).

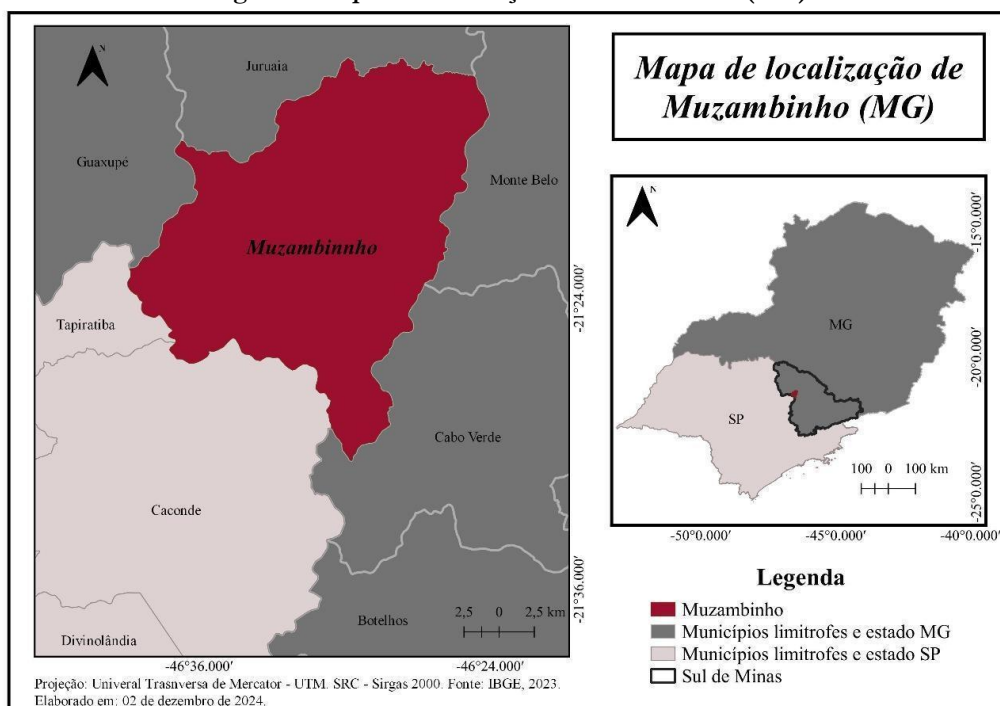
Nas entrevistas semi-estruturadas foram identificados as marcenarias, os sujeitos, suas idades, níveis educacionais, categoria jurídica, quais são os setores ocupacionais dos quais fazem parte, o que utilizam no processo de produção (madeira ou compensados no geral), como enxergam a sua profissão, se são artesãos ou não e o futuro da profissão. Em seguida, procedeu-se à transcrição desses dados para a tabulação dos resultados obtidos em campo, identificando as práticas profissionais que os marceneiros realizam no espaço da cidade de Muzambinho-MG.

A coleta de dados secundários foi feita através do IBGE Cidades, do SIDRA e do Novo Caged, com a transcrição dos dados gerais coletados do município de Muzambinho, como a população total (urbana e rural) ao longo dos anos, o PIB por setores, as principais atividades econômicas municipais, quantas pessoas trabalham na indústria de transformação na cidade, bem como a confecção de material cartográfico e registro fotográfico.

CARACTERIZAÇÃO GERAL DA ÁREA

Muzambinho é um município localizado na Mesorregião Sul/Sudoeste de Minas Gerais, sendo um centro de influência local 5, em que Guaxupé é a Região Imediata (Centro Subregional – 3B), Poços de Caldas a Capital Regional (2C) e Varginha sendo a cidade polo da Região Intermediária (IBGE, 2024). O município é conectado pela BR-49, ligando a Guaxupé, Juruáia, Monte Belo, Cabo Verde, Caconde e Tapiratiba (Figura 1).

Figura 1: Mapa de localização de Muzambinho (MG)



Fonte: autores (2025)

Com uma unidade territorial de 409,948 km², Muzambinho contém uma população total de 21.891 habitantes, composta majoritariamente por moradores na zona urbana (77,4 %), o município apresenta densidade demográfica de 49,84 hab/km² (IBGE, 2024).

O PIB de Muzambinho corresponde a 535,4 milhões de Reais (2021) e o PIB per capita representa R\$ 26.091,09 (IBGE, 2024). A economia de Muzambinho compreende a *Agropecuária* (17%), voltada principalmente à produção cafeeira; *Indústria* (20,2%), com fábricas de laticínios, olarias, marcenarias, grandes empresas (como a Pavidez, uma construtora presente nos Estados da Região Sudeste, Bahia e Goiás) e uma pequena fábrica da Yoki; e *Serviços* (62,8%), representados por todos os serviços administrativos (prefeitura, secretarias de saúde, bibliotecas públicas, etc), comércio (lojas de rede como Edmil e Pernambucanas, pequenos estabelecimentos comerciais e a venda), três agências e serviços educacionais (presença de um polo do Instituto Federal do Sul de Minas Gerais).

INDUSTRIALIZAÇÃO E MAQUINOFATURA

Como observado nos diferentes modos de produção ao longo da história, sempre houve a divisão do trabalho, seja no modo de produção feudal com o mestre e o aprendiz ou na fase neoliberal do

capitalismo, com trabalho mutável, a plataformização e a uberização. Tal característica levou a modificações na indústria moderna privilegiando determinados trabalhadores e fazendo o máximo para excluir outros dos processos produtivos, tornando-os indiferentes em relação ao trabalho.

A indiferença do trabalho corresponde a uma sociedade em que os indivíduos passam com facilidade de um trabalho a outro, ao qual se torna alheio ou estranho a longo prazo. Mesmo que diversos trabalhadores se encontrem distantes do trabalho intelectual realizado pelas classes médias, em geral, eles se sentem mais próximos das classes operárias no consumo e no ideário, porém, não se enxergando como uma classe.

No neoliberalismo, o trabalho social e a mão de obra são organizados mediante a produção de valores de troca, de mercadorias que geram retorno monetário e os trabalhadores, em sua grande maioria, são colocados em posições que não podem realizar nada, exceto continuar trabalhando. Esta relação de trabalho envolve um contrato individual e a subordinação, colocando o Estado e a Lei como os principais reguladores – além do próprio trabalhador como um regulador para o seu trabalho (Harvey, 2016).

O controle dos processos entre o trabalho e o trabalhador envolve a introdução crescente de tecnologias para tornar mais eficiente o tempo trabalhado, a disciplina dos trabalhadores, a qualidade da mão de obra disponível no mercado e a mentalidade destes trabalhadores para realizarem determinadas tarefas. Assim, os investimentos realizados nas áreas observadas fazem com que ocorra a substituição do trabalho humano pelas máquinas ao longo do tempo, acentuada na revolução industrial e no taylorismo, acumulando o capital individual e os monopólios existentes.

Os processos de industrialização realizados ao longo do tempo para aumentar a rentabilidade e a acumulação do capital levaram a uma nova reestruturação produtiva, modificando todo o espaço no qual estão presentes, assim como o perfil da classe trabalhadora, levando à redução de empregos em fábricas especializadas, em contraponto, levou à subcontratação e ao trabalho precarizado, da expansão dos trabalhadores assalariados no setor de serviços, da exclusão de jovens e de idosos pelo capital, à expansão do setor terciário da economia, à expansão do trabalho em domicílio e à transnacionalização do mundo do trabalho (Silva, 2014).

No Brasil, a industrialização ocorre em um momento tardio, considerando os países centrais, acelerou na década de 1930, colocando a consolidação da indústria como ideologia nacional, desenvolvendo-se ao longo do século XX, indo dos setores tradicionais, como o moveleiro com a criação de escolas técnicas, até a aeronáutica. Este processo de industrialização acelerada, fomentada pelos

governos ao longo do século XX, levou a regiões de concentração e produção no país, em termos dos principais polos de crescimento e das regiões centrais, levando ao aumento da urbanização, ao aumento do número de trabalhadores no setor de serviços, à modernização da agricultura e ao surgimento de uma nova economia (Galinari; Teixeira Júnior; Morgado, 2013).

No que diz respeito ao trabalho realizado na madeira pela indústria de transformação, a produção de móveis é feita de forma generalizada, sem ter uma qualidade e durabilidade que já foram exigidas no passado, dificilmente encontrando materiais que se adequem a um padrão de qualidade. Por isso, o trabalho das marcenarias continua sendo utilizado por pessoas de diferentes classes sociais, já que oferecem uma qualidade diferente daqueles de produção em escala industrial (Sebrae, 2024).

Para o desenvolvimento do trabalho artesanal, vinculado à manufatura, Sennett (2009) destaca a importância de abordar as guildas/corporações, examinando a “oficina residência” e como a produção artesanal era feita de forma familiar e domiciliar, com relações de confiança e respeito adquiridas ao longo do tempo entre o mestre e seu aprendiz. O trabalho realizado nestes recintos é metade artístico e metade fim em si mesmo, para o qual se cobra a maestria do trabalho, a posse do instrumento de trabalho, da mão de obra e a sua organização.

O trabalho manufaturado e artesanal é propriedade do trabalhador, sendo ele considerado um trabalhador livre, realizador de um trabalho objetivo oriundo da “indústria rural”. Marx (2011) justifica que o próprio instrumento já é um produto do trabalho, sendo as técnicas nas relações de produção também uma propriedade, em que o trabalhador se põe como proprietário do instrumento, ou seja, o trabalho como propriedade e o sujeito trabalhador como condição para a transição futura do capital.

Marx (2011) argumenta que a maestria do trabalho artesanal pode chegar a excluir a possibilidade de acumulação do capital, visto que o capitalista deve se colocar como proprietário do trabalho alheio. Além disso, o trabalho manufaturado requer uma concentração de forças de trabalho e forças da natureza, em que qualquer uma das duas pode ser produzida em massa, porém, quando trata-se do trabalhador artesanal, tem-se a redução do ritmo de trabalho. Já no artesanato semi-artístico, sendo aquele que combina a habilidade do trabalhador, os instrumentos utilizados e maquinário mais simples, tem-se o tempo do trabalho absoluto como condição para que o trabalhador produza o produto do ofício em tempo necessário, sendo remunerado ao final da produção.

Marx (2011) aborda como o capital se comporta de forma diferenciada para que se tenha a destituição do trabalho artesanal, visando dissolver a longo prazo as formas nas quais o trabalhador é

proprietário da habilidade necessária para a produção de determinado bem, assim ele dissolve: 1) o comportamento em relação à terra como condição natural de produção; 2) as relações em que o trabalhador é proprietário do instrumento de trabalho; 3) os meios de consumo necessários para viver como produtor; 4) os trabalhadores e as suas capacidades de trabalho vivas, já que “para o capital, o trabalhador não é uma condição de produção, mas só o trabalho” (Marx, 2011, p. 409).

No que se refere ao trabalhador, o patrão defende que: “O trabalhador recebe aquilo que é justo”, mas o trabalhador tem o seu consumo limitado pelo capitalista, modificando a sua capacidade de troca, o seu salário; ademais o capitalista deseja que os trabalhadores de outras empresas consumam a sua mercadoria, tornando-os consumidores do seu produto. Ou seja, o capital põe o trabalho excedente como condição necessária e o valor excedente como limite para o trabalho objetivado, tornando a capacidade de trabalho como um centro de troca, e ao mesmo tempo, o capital limita o consumo do trabalhador ao necessário para a reprodução da sua capacidade de trabalho, limitando a capacidade de troca do trabalhador, reduzindo o trabalho necessário e o excedente que não é vantajoso ao capital (Marx, 2011).

A longo prazo, o trabalhador não consegue consumir aquilo que produz e tem que consumir os produtos feitos pela indústria, que têm uma qualidade reduzida perante ao trabalho artesanal ou semi-artesanal, produzido pelas grandes empresas. As grandes empresas, por conseguinte, visam altos lucros e cobram os trabalhadores para maximizarem o seu tempo, com altas taxas de produtividade, redução dos custos dos trabalhadores e flexibilização dos contratos de trabalho, impondo a terceirização dos empregos e o aumento das jornadas de trabalho (mesmo que a legislação estabeleça determinada jornada), apenas aumentando o contingente de trabalhadores, sendo benéfico para o próprio capital (Antunes, 2006).

No período contemporâneo, afirma-se que o trabalho rotineiro e mal remunerado será eliminado e o trabalhador qualificado permanecerá, entretanto, Harvey (2016) salienta que a automação substitui principalmente os trabalhadores mais bem pagos, e a inovação tecnológica desmedida levará a sérios problemas, incluindo a reprodução do próprio capital. As tecnologias, a cada dia que se passa, são visíveis em trabalhos mais bem remunerados, em geral, envolvendo atividades opostas aos profissionais denominados “peões” ou “chão de fábrica”.

O ARTESANATO URBANO E A INDÚSTRIA MOBILIÁRIA NO BRASIL

Inicialmente, a industrialização no Brasil se deve ao maior acúmulo de capital devido ao café e às principais atividades industriais desenvolvidas no país que se concentraram no estado de São Paulo. Não foi diferente no caso das escolas profissionais que formavam marceneiros. A primeira delas iniciou-se em 1911, na cidade de São Paulo e suas atividades começaram a partir de 1913 (Gonçalves, 2020). Os relatórios acerca das primeiras escolas de produção de móveis são vagos, porém, sabe-se que a grande maioria dos marceneiros vinha de Portugal e outros países da Europa, o que influenciava diretamente na forma e no design dos mobiliários no país.

As casas brasileiras tinham em sua grande maioria mobiliários inspirados na cultura europeia e até 1930, a indústria mobiliária nacional era quase inexistente, com poucas fábricas destinadas à produção de mobília. Muitas das casas possuíam móveis destinados à longa duração, por serem importados, entretanto, houve a paralisação das importações no período anterior à Segunda Guerra Mundial. Assim, a produção de mobília nacional começou a ganhar características próprias no período modernista do país, mas principalmente após 1940 (Bleich, 2016).

A indústria mobiliária no Brasil ganhou impulso pós Primeira Guerra Mundial, sendo manifestada por John Louis Graz na Semana de Arte Moderna em 1922, oficializando a criação de um estilo mobiliário brasileiro e a criação de escolas de ofício para a marcenaria, profissionalizando esses trabalhadores (Bleich, 2016). Marx (2011) afirma que o artesanato urbano é baseado na troca e na criação de valores de troca e sua finalidade principal é a subsistência como artesão. Todavia, a produção em todos os lugares está destinada a um consumo pressuposto e dentro das relações de trabalho artesanais atuais, vemos a produção capitalista e a questão do valor de troca sendo associados, ou seja, uma contínua busca pelo lucro.

Desse modo, quanto mais trabalho é agregado em um produto, mais ele vale, pois leva em consideração a força de trabalho, a destreza média do trabalhador, o grau de desenvolvimento da ciência, a aplicação tecnológica, a organização do processo de produção, volume, eficácia dos meios, às condições naturais, o tempo de duração e o tempo de trabalho médio necessário ou socialmente necessário para produzir determinado valor de uso.

Em *O Capital* (2023), Marx afirma que o trabalho também expressa duplo caráter, pois, quando se expressa como valor de troca – uma relação quantitativa entre valor de uso, que muda através do tempo e do espaço, não tem as mesmas características de quando pertence como gerador de valor de uso

– que só se realiza com a utilização e o consumo, não dependendo da quantidade de trabalho empregada, muitas vezes, satisfazendo necessidades particulares.

No contexto produtivo, o marceneiro se diferencia dos outros profissionais envolvidos no processo como os carpinteiros, pois utiliza madeiras mais maleáveis e macias, típicas para os pequenos entalhes e os torneados; preocupa-se mais com a beleza dos materiais e com o acabamento delicado e, em geral, produz mais objetos de peças decorativas e móveis (Castriota, 2012, p. 121).

O marceneiro é uma profissão que tem a sua denominação vinda através da confecção dos objetos de madeira de pequenos tamanhos e móveis, tendo o processo de fabricação, montagem e reparação do mobiliário, que exige técnicas específicas para a sua montagem com o uso de ferramentas manuais ou mecânicas, além do uso de máquinas e ferramentas essenciais para a produção deste trabalho.

Fabrico, montagem e reparação de mobiliário diverso e outros artigos de madeira, partindo, normalmente, de modelos, desenhos ou outras especificações técnicas, utilizando ferramentas manuais ou mecânicas e recorrendo ao auxílio de máquinas-ferramentas, prevalecendo sempre a intervenção pessoal do artesão (CEARTE, 2015, p. 8).

Segundo o Sebrae (2018), exercer a atividade da marcenaria requer algumas características, como: qualificação no manejo da madeira, criatividade e paciência, para que, durante a execução do projeto, a maestria responda ao que foi solicitado sem perder a qualidade e sua essência. O objetivo principal da atividade é transformar, com delicadeza e arte, madeiras em móveis, cujo caráter é utilitário.

A reestruturação produtiva brasileira mostra que as políticas neoliberais vêm aumentando tanto para os setores informais e áreas autônomas, os quais o setor informal constitui uma força de trabalho expressiva, o principal setor que cede ao comando do capital, sendo incentivado devido ao lucro e à facilitação para a acumulação de capital (Thomaz Junior, 2010).

Este estudo engloba do trabalho domiciliar à camelotagem e até mesmo ao artesanato urbano, os quais constituem o enfoque principal. Fala-se muito da falta de necessidade de registro em carteira e, por isso, aumenta-se o número de microempreendedores individuais (MEIs) na sociedade, pois não se tem setores na economia que atuam nessa área. Assim, é necessário verificar quais são os trabalhadores que sobrevivem mediante a sua força de trabalho e as formas de precarização, quais têm autonomia, se eles são proprietários ou não dos meios de produção mesmo na informalidade e se ocupam de forma precária o espaço (Thomaz Júnior, 2010).

Por conseguinte, o artesanato urbano no Brasil sofre grandes modificações no que diz respeito às transformações que podem ser feitas no material de trabalho dos marceneiros – a madeira. Apesar da

relação entre a arte e a técnica presentes, o uso da madeira de lei acaba por ter um alto valor de custo de produção e o elevado padrão frente ao grande volume de consumo existente não possibilita a total produção de móveis em madeira, pois isso interferia nas leis ambientais atuais. Tais características levam a indústria mobiliária no Brasil a outros rumos, com o emprego crescente da tecnologia, da química e da biologia na produção de artigos mobiliários.

A ESPACIALIZAÇÃO DA MARCENARIA NAS PEQUENAS CIDADES

A sociedade brasileira apresenta uma divisão territorial do trabalho que reavalia local e ecologicamente os centros urbanos e as regiões, nas quais têm-se a presença das elites locais que têm influência nas decisões econômicas, com implicações na circulação geral da cidade ou região, na organização empresarial e na industrialização municipal ou regional (Corrêa, 2006).

Os pequenos municípios, em sua grande maioria, apresentam especificidades produtivas, gerando em menor ou maior grau centros urbanos que diferenciam funcionalmente as cidades inseridas na rede urbana, modificando o contexto regional e nacional devido à combinação das funções centrais decadentes ou em expansão construídas ao longo do tempo (Corrêa, 2006).

Ao tratar o alcance espacial dos trabalhadores de Muzambinho-MG, é considerado a rede de transportes no que tange à mobilidade desses trabalhadores das cidades pequenas, interligando-as e modificando as formas segundo a qual estão estruturadas, tornando complexos os processos de análise situacional do que são. Grande parte das empresas que atendem os marceneiros de Muzambinho, no que se refere à circulação de mercadorias, está distribuída de forma hierarquizada no sul de Minas e no norte paulista, a respeito dos impactos para a implantação regional de polos de distribuição, as vias nas quais as cidades estão conectadas, as relações de clientela, a influência das elites locais e o custo para a distribuição destes materiais.

Como salientado, de acordo com Corrêa (2006), as cidades pequenas são geradoras de pequenos centros de economias de mercado, com implicações nas trocas segundo a divisão territorial do trabalho. Dessa maneira, até que os materiais produzidos pelas grandes indústrias cheguem à cidade, eles dependem de uma rede de transportes interligada nacionalmente, alterando a estruturação das cidades e chegando a modificar a localização de determinados bairros. Essas empresas fornecem equipamentos e sofisticação

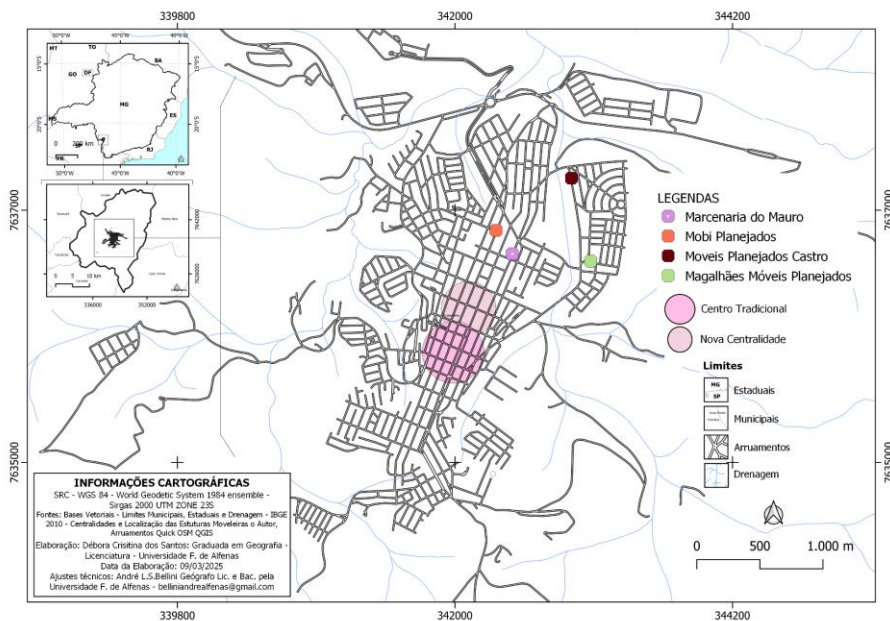
tecnológica para as marcenarias que, inseridas no contexto de produção industrial, modificam parte do seu processo de produção associado às indústrias química e biológica³.

Nas cidades sul-mineiras, caracterizadas como uma das principais redes urbanas de pequenas cidades do país, boa parte da produção das marcenarias é feita em um sistema de fabricação artesanal. Entretanto, a presença de empresas semi-automatizadas é importante no contexto, pois, como Galinari, Teixeira Júnior e Morgado (2013) afirmam, grande parte do setor moveleiro no Brasil consiste de empresas de micro e pequeno portes, o que determina a maior parte da produtividade feita por estes segmentos no Brasil.

Desta forma, a espacialização das marcenarias no município de Muzambinho é parecida com outras cidades pequenas. Amorim Filho e Sena Filho (2007) indicam que as atividades nobres estão, em sua maioria, concentradas nos centros das cidades, geralmente, em torno de uma praça principal ou uma avenida adjacente. A tendência é a expulsão dessas áreas mais valorizadas de atividades menos nobres como oficinas e galpões, como é observado na cidade de Muzambinho, onde a área comercial da cidade se mistura com a função residencial; entretanto, as marcenarias não estão concentradas na região central, mas no pericentro e na periferia (Figura 2).

³ A indústria química e biológica realiza o controle de células vegetais ligadas à madeira, que modificam a estrutura e a percepção sensorial do indivíduo, alterando o ritmo de produção, indo para a escala industrial. Anteriormente, a madeira era associada à natureza e ao tempo, porém, com as transformações tecnológicas à ela embutidas, passa a ter resistência ou não, a fatores da natureza (umidade, circulação de ar, fogo, etc).

Figura 2 - Malha urbana de Muzambinho- MG e localização das principais marcenarias



Elaboração: autores (2025)

Um fato importante referente às cidades pequenas e médias, é a sua capacidade de absorver a renda fundiária presente no campo, alterando as relações de produção existentes. Isso implica ainda mais na cidade de Muzambinho que, com sua expressiva ruralidade, nem sempre consegue absorver a renda gerada pela produção agrícola, pois os produtos ofertados são limitados e, no caso das marcenarias, além dessa limitação, ainda existe a limitação da mão de obra presente no município, que a cada ano se reduz significativamente, como será abordado mais à frente.

Além da questão da mão de obra, que é reduzida ao longo do tempo, é importante ressaltar em qual cadeia produtiva estes trabalhadores estão inseridos, principalmente, no que tange à madeira. No geral, a produção de um móvel se inicia com um Serrador (aquele que corta a madeira na mata), logo após, a madeira é encaminhada para o Engenho de Serra, onde a tora de madeira é cortada pelo serrador, que, em média, leva de quatro a cinco anos para secar (caso a madeira não for para uma estufa de secagem, que acelera esse processo), então, a madeira que foi para a estufa é transportada até uma madeireira, que realiza o corte das toras e a sua separação de acordo com o tempo de chegada. Na madeireira, a madeira ainda passa por outro ciclo de secagem antes de ter a sua distribuição feita para os carpinteiros e marceneiros.

Quando atentamos às duas categorias de trabalho (carpinteiros e marceneiros), destacam-se as particularidades de cada profissão. No que diz respeito aos carpinteiros, eles geralmente são os trabalhadores que utilizam da madeira para fazerem o acabamento das casas, telhados, estruturas de madeira, entre outros. Já os marceneiros são aqueles que fazem os móveis, em geral.

Entre os marceneiros, temos os entalhadores, os lustradores e os laqueadores. Os entalhadores são caracterizados por realizar o acabamento ‘fino’ da madeira, que os marceneiros chamam de arte na madeira; já os lustradores vão aplicar o verniz, deixando a madeira com um aspecto brilhante e conservando a textura e o brilho do móvel; e os laqueadores são aqueles que trabalham com laca, uma espécie de tinta que pode ser aplicada na madeira e não modifica a sua estrutura. Dessa maneira, apenas ao final deste processo produtivo que um móvel de madeira chegará ao consumidor final, sendo um processo longo e que leva anos para ocorrer.

De acordo com as entrevistas realizadas em campo, a amostra de dez marceneiros em um total aproximado de quinze na cidade de Muzambinho, demonstra que muitos marceneiros estão em idades próximas de se aposentarem (30% têm mais de 50 anos) e a maioria tem mais de 30 anos (70% têm entre 30 e 60 anos), denotando o envelhecimento destes trabalhadores. É importante considerar que nenhum dos marceneiros entrevistados é aprendiz e que todos já passaram pelo período de aprendizagem da profissão.

Considera-se também que o período para o aprendizado do ofício se altera conforme cada profissional. A maioria estima que, em um período de cinco anos, os trabalhadores já estarão qualificados o suficiente para serem considerados marceneiros. Aqueles com mais tempo de profissão falam que depende do tempo de cada um para aprender e um marceneiro ressalta que seria, no mínimo, dez anos para se aprender a profissão. Neste período, o profissional aprenderá não apenas a trabalhar com madeira, mas também com MDF (Medium Density Fiberboard), MDP (Médium Density Particleboard), HDF (High Density Fiberboard), Laminado Melamínico, etc.

Como a atividade de ofício do marceneiro demanda um tempo de experiência necessário para se adquirir o conhecimento, e a mão de obra na área se torna cada vez mais escassa, os serviços ofertados por este profissional são reduzidos e a oferta é menor do que a demanda. Por isso, é comum que os clientes que comprariam os produtos fornecidos pelas marcenarias comprem móveis de fora da rede urbana na qual Muzambinho está inserida, procurando lojas de grande porte e de móveis na internet, uma

vez que a circulação e o transporte estão mais eficientes, as cidades com capacidade de produção em grande escala conseguem absorver a demanda que é gerada por consumidores das cidades pequenas.

A OBSOLESCÊNCIA PROGRAMADA E AS LOJAS DE REDE

Harvey (2016) elenca que na história e lógica capitalistas há a existência de cinco imperativos, intensificados no neoliberalismo, sendo estes: a organização e cooperação das divisões do trabalho para maximizar a eficácia, lucratividade e acumulação; a presença da necessidade de facilitar a aceleração da circulação do capital em todas as suas fases; a “destruição do espaço pelo tempo”, e suas diferentes revoluções tecnológicas, que encurtam o tempo de circulação do capital na produção, no mercado e o tempo de vida dos produtos de consumo; o aumento das tecnologias de produção e disseminação do conhecimento, com grandes bancos de memória sobre desemprego, déficit comercial, atividade industrial; e, as finanças e o dinheiro como um domínio crucial para o funcionamento do capital e o controle do trabalho e da mão de obra.

Em paralelo, a obsolescência programada envolve este incremento tecnológico da produção, distribuição e consumo acelerados dentro da lógica capitalista, não valorizando a qualidade e o desempenho que o móvel deveria ter. O critério de produção adotado pelas grandes empresas engloba o uso da tecnologia necessária para o modo de produção industrial vigente e faz com que surjam novas especializações, em razão da divisão do trabalho, na cadeia de produção: o moveleiro e o montador de móveis.

O moveleiro é aquele que trabalha com o MDF, HDF, MDP, etc. Ele, como trabalhador deste segmento, não detém as técnicas necessárias para se tornar um marceneiro, pois não conhece o cheiro, o como pegar a madeira, estando envolvido no processo da obsolescência programada e o artificialismo presente nestes novos materiais usados pela indústria. O montador é aquele que, envolvido na distribuição industrial, apenas monta os móveis quando chegam na casa do consumidor. Sobre a fabricação, ele não conhece nada do processo produtivo de um móvel, apenas sabe fazer a leitura do manual de montagem e utilizar as ferramentas, como a parafusadeira.

Por consequência, as grandes empresas de insumos ao setor moveleiro fornecem materiais ligados à indústria química e biológica, que realizam modificações para reproduzir diferentes texturas e padrões da madeira em compensados, desenvolvendo materiais como o MDF (produzido através da madeira triturada e a resina), o HDF (fibras de madeira, parecidas com o MDF, porém, tem mais pressão e

densidade em sua composição), o MDP (uma mistura de papelão prensado com serragem e bagaço de cana) e a Fórmica (resinas juntamente com papel kraft).

Neste processo de produção, as marcenarias e as empresas de móveis planejados apresentam uma sofisticação tecnológica característica do novo modelo industrial existente, misturando diferentes tipos de madeira, papel e resinas que adquirem características como o toque texturizado, a mistura de linhas naturais e foscas, o toque quente e aveludado, o relevo quente e suave e a facilidade de limpeza. Algumas das linhas também apresentam menor absorção de umidade, o que é uma propriedade importante, visto que a madeira tem tendência a deformar se não tiver manutenção, conforme o contato com a umidade e a água.

A longo prazo, o artificialismo da madeira é cada vez mais presente. As indústrias que realizam esse processo de fabricação planejam e estruturam cada um dos materiais que serão utilizados pelos moveleiros e marceneiros. É importante ressaltar que, com os marcos regulatórios ambientais existentes, tornou-se cada vez mais complexo o processo do fornecimento de madeira de forma legalizada, e por isto, os marceneiros que ainda utilizam a madeira e não as resinas, comprem de antigas fazendas com casas ou partes que estão em demolição, pois são feitas com madeiras de lei e podem ser restauradas.

Os marceneiros entrevistados, em sua grande parcela, acreditam que não há competição entre o trabalho que realizam e as lojas de redes no mercado, pois aquele que procura a marcenaria quer peças de madeira ou MDF e quer algo personalizado e nichado, a exclusividade e, por isso, está disposto a pagar um preço maior. Como as lojas de rede produzem algo que será vendido rapidamente, não se espera durabilidade, pois o comprador sempre voltará para consumir novamente algum móvel, já que a tendência dele é estragar em um tempo mais curto.

Os marceneiros consideram o móvel como algo planejado e de alto-padrão e, por ele ser planejado, pode realizar modificações no decorrer do tempo, de acordo com o ritmo e o gosto que o cliente deseja. Atualmente, o surgimento de tendências, que inovam constantemente os gostos dos consumidores, dispõe materiais que são modificados anualmente, assim como as alterações químicas, além dos novos artigos descobertos e demandados pelo público-alvo destes profissionais, que atendem clientes das classes média-alta e alta.

A gente tem que estar sempre inovando e acompanhando as tendências que os arquitetos propõem. É novos materiais que vão surgindo e a gente tem que ir acompanhando a tendência. A gente tem que estar sempre inovando e acompanhando as tendências que os arquitetos propõem. É novos materiais que vão surgindo e a gente tem que ir acompanhando a tendência. (Entrevista 03)

O MDF é considerado um material moderno, leve e de fácil manutenção diária e a maioria dos profissionais também o considera como mais simples de se trabalhar, pois não exige o conhecimento técnico e a prática necessária para o seu manuseio. A construção de um móvel, na prática cotidiana da marcenaria, é muito mais do que o projetar, cortar e montar. É necessário reconhecer o cheiro, a cor, a sensibilidade, tendo a percepção daquilo que produz, porém, o uso de materiais tão diversificados acaba eliminando essa habilidade adquirida pelos profissionais ao longo de anos.

Então, tenho um marceneiro, um jovem, uma pessoa para se tornar um marceneiro e trabalhar com madeira, ele talvez vá demorar aí uns cinco anos para se tornar um bom marceneiro, se tiver boa vontade, se tiver conhecimento e gostar da profissão. Para trabalhar com MDF, eu acredito que em seis meses, no máximo um ano, a pessoa já se torna um bom profissional porque o MDF já é um produto bem mais fácil de trabalhar e não exige tanto conhecimento de marcenaria (Entrevista 03).

Importante ressaltar que o Brasil é um dos maiores produtores de madeira reconstituída do mundo e tem a presença de empresas de notoriedade internacional no ramo. Os catálogos feitos anualmente, contendo as introduções de novos materiais e cores, são modificados com grande facilidade mediante os pedidos do público, além das tendências que serão utilizadas ano após ano.

Considerando o público-alvo destes profissionais, é primordial pensar quais classes socioeconômicas são atendidas por este ofício, já que é um serviço personalizado e nichado, ou seja, o valor cobrado será mais elevado. A clientela é aquela que pode pagar e quer um atendimento e móvel personalizado. Esse cliente busca no serviço personalizado, na instalação do móvel, no luxo, no conforto e na durabilidade e, por isso, as classes atendidas não são de baixo poder aquisitivo.

A ESPACIALIZAÇÃO DO TRABALHO DAS MARCENARIAS E SUA CLIENTELA

Muzambinho, como a cidade foco deste trabalho, apresenta marcenarias localizadas em diferentes bairros e a sua clientela é ainda mais concentrada nas classes A e B, estando em toda a cidade e região imediata, o que constitui o seu alcance em termos de mercado. As cidades, ao longo da rede urbana sul-mineira, veem-se articuladas, contribuindo para a distribuição espacial dos marceneiros e pela mobilidade que devem exercer por conta de sua atividade.

No caso da clientela dos marceneiros, como referido, ela está inserida em diferentes bairros, indo da classe média até a classe alta do município, como os condomínios e nos bairros Jardim Europa e Jardim Primavera. Porém, o público-alvo não é tão específico, pois muitas pessoas juntam dinheiro a longo prazo para adquirir determinado móvel, enquanto outros têm um maior poder aquisitivo e adquirem o bem com mais facilidade. Assim, os marceneiros vão onde “se tem o dinheiro para trabalhar”.

Não tem um bairro específico para trabalharmos na cidade, porque isso seria muito de bairro. O bairro geralmente dura pouco e a profissão da gente dura muito e o bairro com pouco tempo já enche de casa e fica bem diversificado. No meu caso, muito diversificado na cidade de Muzambinho e na região, já temos uma grande clientela na rede das cidades da região. (Entrevista 02)

Como afirmado por um dos profissionais, a composição socioeconômica dos bairros mesmo nas pequenas cidades é mutável e as alterações e reformas feitas pelos marceneiros são realizadas a longo prazo. Um móvel, feito por um marceneiro, deve durar muitos anos se for bem conservado, e o espaço urbano, mesmo em uma pequena cidade, reproduz-se e modifica-se constantemente.

Desse modo, as relações entre marceneiro e cliente são modificadas constantemente, pois o consumismo individualizado no setor altera as percepções de valor que cada um detém; determinado cliente pode considerar um móvel caro e outro barato. Em consequência, a marcenaria acaba por se tornar um ramo de nicho que se adapta às relações de classe presentes no mercado, ou seja, os consumidores finais.

Galinari, Teixeira Júnior e Morgado (2015) salientam que os principais canais de distribuição moveleira no Brasil são feitos através de três vertentes: pelas redes varejistas e magazines, que fornecem produtos populares e possuem uma grande rede de fornecedores; pelas lojas especializadas, com empreendimentos de pequeno porte distribuídos pelo território nacional e as lojas monomarcas. Assim, os consumidores finais podem permanecer no município ou sair dele, buscando uma melhor qualidade de serviço, atendimento ou a questão do custo-benefício. Sendo uma consequência desse processo, a distribuição espacial tanto da classe social da clientela quanto das marcenarias envolvidas neste circuito.

Como discutido, a clientela atendida envolve o público das classes mais altas, que modificam essas relações de produção, porém, de modo geral, os principais consumidores dos móveis estão na classe C. Os móveis adquiridos por pessoas de classe média-alta e classe alta geralmente são assinados por designers ou aqueles feitos de forma planejada e nem sempre estes clientes procuram a relação de custo-benefício, muitas vezes, eles visam o luxo dos componentes presentes na mobília. Conforme a classe social altera, como a partir da classe D, torna-se cada vez mais difícil ter um móvel planejado dentro de casa e os consumidores vão atrás das grandes redes varejistas.

A clientela da classe média-alta e classe alta também busca por experiências e o diferencial oferecido envolve o atendimento, o boca a boca, o quão exclusivo é algo que pode ser oferecido e qual o diferencial que o trabalho/serviço pode oferecer para um cliente. A experiência para estas pessoas é o que muitas vezes vai influenciar na decisão de permanecer cliente de uma empresa ou não.

Internacionalmente, o mercado moveleiro é diferente do brasileiro, mas mesmo assim, as marcenarias se veem afetadas por esse mercado de alto padrão que as empresas de grande produção global controlam, contando a terceirização e a subcontratação de montadores realizadas pelas empresas de distribuição. Muitos dos clientes vão das redes urbanas de hierarquização elementar até a mais complexa, enquanto outros consumidores começam a comprar produtos de fora da região imediata, apontando para um padrão mais complexo da rede, pois as cidades maiores têm circulação e transporte mais abrangentes, acabando muitas vezes, por reduzir as interações locais e, portanto, a centralidade, das cidades menores.

A PERDA DA IDENTIDADE DE MARCENEIRO E O ESVAZIAMENTO DA PROFISSÃO

Ao longo do tempo, a racionalidade da produção, com a crescente especialização do trabalho e a obsolescência programada, levou à perda de identidade do marceneiro e ao esvaziamento da profissão, modificando a escala e a cadeia produtiva que haviam sido construídas por séculos. Os trabalhadores artesanais, incorporados ao sistema gerencial e contábil da indústria do século XX, ainda permanecem com suas habilidades, condutas éticas e regras de ofício (Pena; Gomes, 2011), todavia, a divisão social do trabalho ampliada com a emergência do taylorismo e do fordismo, fez com que os trabalhadores fossem considerados como parte de uma estrutura complexa que controla o ritmo do corpo, trabalho e saúde dos seres humanos.

Os trabalhadores artesanais executam a sua profissão de forma qualitativa, através da interação entre o conhecimento incorporado, a capacitação e a experiência presente, o que envolve um trabalho de boa qualidade que determina o produto e o que ele, como trabalhador, representa (Sennett, 2008). Contudo, é possível notar que o marceneiro vai perdendo a sua identidade e o seu espaço a cada dia que passa.

A tendência da produção se ver ameaçada pela oferta de móveis produzidos em larga escala, a polarização das cidades transforma e altera todas as formas de trabalho – desde o sistema gerencial até o caminhoneiro que faz a distribuição das placas. Os marceneiros, por consequência, perdem a sua autonomia como profissionais e o seu espaço no mercado, condicionados a pequenas produções para uma clientela específica.

O controle e a transformação da natureza pela tecnologia, a perda da habilidade manual por conta das máquinas, a presença da indústria química e a apropriação de recursos naturais (madeira) faz com que este profissional perca a sua identidade e independência aos poucos e com isso, surgem outras profissões dentro da cadeia produtiva, que não mais envolvem a realização artística e a ornamentação, mas sim, a funcionalidade, feito para um tempo de uso cada vez menor.

Também, vê-se as condições do trabalho como uma consequência para o esvaziamento da profissão. Os profissionais das marcenarias estão expostos a ruídos, vibrações de alta frequência, à serragem e ao pó da madeira (Santos; Almeida, 2016). Os trabalhadores, quando expostos a estas condições podem ter a sua saúde prejudicada a longo prazo, trazendo repercussões para eles e suas famílias, além de que, é comum que ocorram acidentes com a madeira ou o MDF, não sendo raros os casos de perda de membros, lacerações, intoxicação e infecções secundárias (Santos; Almeida, 2016). Estas condições de trabalho podem se tornar insuportáveis e nocivas, e como a jornada e a intensidade do trabalho são altas, muitos profissionais preferem desistir da profissão e migrar para outra que seja mais leve.

Outro fator a ser considerado envolve as relações contratuais. É importante ressaltar que as condições contratuais impostas a alguns trabalhadores podem violar normas trabalhistas, como a falta de pagamento de salário e de insalubridade, o cumprimento de horas extras forçadas e os descontos pela má conduta (atrasos ou resposta ao patrão). Como isso ocorre com determinada frequência, é necessário que o Estado institua leis reguladoras de segurança e saúde laborais para proteger a estes trabalhadores (Harvey, 2016).

O esvaziamento da profissão também pode ser explicado por fatores sociais, como a divisão do trabalho entre intelectual e bruto/pesado. Por serem trabalhadores manuais, são vistos pela sociedade como menos importantes por não terem o estudo, vistos como peão. Todavia, são esses trabalhadores que detêm o conhecimento do processo de produção, dos materiais, do sensorial e do experimental, não são considerados para determinados projetos por serem considerados inferiores àqueles que possuem o ensino superior e, muitas vezes, são trabalhadores com conhecimento notável sobre o ofício.

A alienação do trabalhador também é algo importante a ser considerado, pois, ao longo do tempo, vem sendo isolado do seu instrumento de trabalho e da técnica, considerando que o capitalismo é o melhor sistema de riqueza e que as contradições existentes sempre existiram. A mão de obra, inserida nesse sistema, tem tendência ao isolamento, perdendo a oportunidade de uma vida social mais plena.

Antunes (2018) discute a condição dos trabalhadores como precarizados e que os tipos de relações e remunerações diferenciadas trazem comparações e competição a longo prazo, não sendo benéfico ao operariado.

Como a alienação do trabalho é intrínseca ao processo, o desenvolvimento em razão da prática do trabalho manual se tornar mais complexo, pois, além do trabalhador ter que conviver socialmente nas relações de artesanato urbano, é necessário que se aprenda a profissão a longo prazo, compreendendo sobre o sensorial (principalmente o olfato e o tato) da madeira, demonstrando a forma na qual o ser humano interage com aquilo que ele trabalha e como a natureza deve ser usada pelo homem.

O carpinteiro sintonizado com a funcionalidade ficará menos preocupado com cada detalhe, sabendo que os pequenos defeitos podem ser corrigidos por parafusos ocultos. Mais uma vez, a questão é concluir o trabalho para que a peça possa ser usada. Para o absolutista que há em todo artífice, a imperfeição é um fracasso; para o profissional, a obsessão com a perfeição pode ser a receita do fracasso (Sennett, 2008, p. 51).

Gorz (2005) faz considerações sobre o trabalho em um sentido mais amplo, afirmando que ele não é apenas uma criação de riqueza econômica, sendo um meio necessário para a autocriação e construção da humanidade. Assim, não se deve reduzir o trabalho e a experiência vivida, separando o produtor do produto, mesmo que ele não tenha uma noção do processo em sua totalidade.

Assim, como muitos dos trabalhadores possuem noção limitada de sua atividade e o que será gerado com o seu trabalho, apesar de que, produzir um móvel (do projeto à montagem) não é um processo simples. É necessário que se tenha um projeto inicial, depois a conferência de medidas, a ida para o plano de corte, conferir novamente as medidas e após isso, o processo de montagem. No processo de montagem, é necessário esquadrear o móvel e parafusar, fazer acabamento com cola e fitas e por último, realizar a limpeza.

Figura 3: Máquinas utilizadas pelos marceneiros



Fonte: acervo dos autores (2024)

Todavia, todo o ofício está sujeito a erros e, de certo modo, o trabalho nunca se repete. No contexto racionalista e produtivista em que vivemos, e de sua ideologia, de não se admitir erros, os quais são vistos como fracasso, pois a chave para isto, é a otimização do tempo dos trabalhadores, que são segmentados corporativamente e ordenados territorialmente na função operária que realizarão (Thomaz Júnior, 2010).

O esvaziamento do trabalho também vem das relações contratuais como ressaltado por diferentes autores. No caso do município de Muzambinho, a maioria dos trabalhadores entrevistados são profissionais autônomos (70%), demonstrando parte da precarização do trabalho, mas também sobre a caracterização do ofício, que por vezes é monótona.

A tabela 01 demonstra que o número de trabalhadores envolvidos com a fabricação de móveis de madeira em Muzambinho vem se reduzindo ao longo dos anos, pelo menos aqueles com carteira assinada. Atualmente, pelos dados adquiridos pelo Novo Caged verifica-se que têm apenas quatro marceneiros contratados no regime de CLT no município. Já a tabela 02 demonstra que os trabalhadores da indústria de transformação em móveis no estado de Minas Gerais apresentam um aumento no número de contratações, mas que também ocorrem elevados desligamentos.

Tabela 01 – Trabalhadores da indústria de transformação envolvidos com a Fabricação de Móveis em madeira em Muzambinho

| ANO | Admissões | Desligamentos | Total de marceneiros |
|-------------|------------------|----------------------|-----------------------------|
| 2020 | 0 | 5 | 2 |
| 2021 | 7 | 1 | 8 |
| 2022 | 3 | 3 | 8 |
| 2023 | 9 | 3 | 14 |
| 2024 | 0 | 10 | 4 |

Fonte: Pannel de Informações do novo CAGED (2024).Org.:
Autores.

Tabela 02 – Trabalhadores da indústria de transformação envolvidos com a Fabricação de Móveis em madeira em Minas Gerais

| ANO | Admissões | Desligamentos | Total de marceneiros |
|-------------|------------------|----------------------|-----------------------------|
| 2020 | 11.816 | 11.584 | 25.636 |
| 2021 | 14.659 | 12.052 | 28.243 |
| 2022 | 12.931 | 13.189 | 27.985 |
| 2023 | 13.605 | 13.200 | 28.390 |
| 2024 | 12.302 | 11.021 | 29.671 |

Fonte: Pannel de Informações do novo CAGED (2024). Org.:
Autores.

Como salientado na questão da divisão do trabalho, entre o trabalho intelectual e o bruto/pesado, muitos dos trabalhadores podem ser desligados do processo de produção, muitas vezes, por não terem o ensino superior. Em Muzambinho, a maioria dos profissionais levantados pela amostra tem apenas o ensino fundamental II completo e poucos têm o ensino médio. Nenhum tem ensino superior. Ou seja, a demanda por mão de obra qualificada e com acesso ao ensino é pouca, o uso das máquinas com alta tecnologia é aprendido na prática e se torna cada vez mais difícil encontrar mão de obra.

A técnica, como um dos fatores fundamentais para o trabalho artesanal, é ligada à forma de expressão de identidade do profissional e à habilidade manual, tendo a percepção pelo toque daquilo que está produzindo. Os calos presentes nas mãos destes trabalhadores demonstram aquilo que realizam diariamente. Como referido anteriormente, não são raros os casos de perdas de membros, machucados ou infecções entre estes profissionais e isto se deve à falta de uso de equipamentos de segurança, pois muitos afirmam que o equipamento retira o tato, obstrui a visão e a percepção que se tem com o material, trazendo ainda mais riscos para os trabalhadores. Por ser um local com muito pó, é comum que os

profissionais tenham rinite, entretanto, eles não usam máscaras afirmando que também prejudica a visão e que é normal se acostumar com o cheiro da cola.

Figura 4: A presença do pó na marcenaria



Fonte: acervo dos autores (2024)

O trabalho dos marceneiros é voltado para a qualidade daquilo que é oferecido, considerando a especialização e qualificação destes trabalhadores que, muitas vezes, não têm acesso a cursos para capacitação, procurando se informar através da internet sobre determinados lançamentos e tendo que dar “um jeito” para conseguirem trabalhar. Muitos se afirmam marceneiros também justificando: “é isso que eu sei fazer, é esse que é o meu trabalho”. Entretanto, a relação na marcenaria é feita de diferentes formas e ao longo do tempo, com a permanência da relação entre mestre e aprendiz. A profissão é muito mais do que aparenta, é o ofício, é aquilo que sabem fazer, é o domínio do corpo e dos conhecimentos empírico e lógico.

O FUTURO DA MARCENARIA E DO TRABALHO ARTESANAL

O trabalho artesanal é algo que exige profissionalismo e disciplina diária, sendo encontrado em qualquer modo de produção e verificado hoje em pequenos grupos especializados, sendo a aquisição entre um produto desejado, a realização e a entrega de determinado item. O artesão, que é aquele que detém o saber-fazer (know-how), domina os métodos aplicados para as etapas de produção, e o marceneiro, sendo um artesão, acaba conhecendo estes fatores, por consequência.

Gorz (2005) assinala que todo o trabalho, seja na produção industrial ou na área de serviços, contém um componente de saber cuja importância é crescente, o que demonstra o saber da experiência, do discernimento, da capacidade de coordenação, auto-organização e da comunicação, que traz um pertencimento de uma cultura do cotidiano do trabalhador. Sennett (2009) afirma que este tipo de trabalho é a arte pela arte, contendo um caráter político e uma aptidão de alto grau, implica em que o trabalhador tenha orgulho daquilo que produz.

Os marceneiros, atualmente, são trabalhadores precarizados e muitos não veem futuro na sua profissão, pois a racionalidade neoliberal não permite o desenvolvimento de sua criatividade. As entrevistas demonstram que a indústria a longo prazo pode vir a dominar o mercado e sobrar alguns poucos, envolvendo o padrão de atendimento, as tendências acompanhadas no mercado e os novos materiais que surgem com o advento da indústria.

Agora, o futuro da profissão. Eu acredito que vai ser muito promissor para quem trabalha bem, pra quem tem alto padrão, pra quem tem um bom atendimento e tá sempre inovando. A gente tem que estar sempre inovando e acompanhando as tendências que os arquitetos propõem. É novos materiais que vão surgindo e a gente tem que ir acompanhando a tendência. Pra um profissional que tenha a sua meta apenas financeira, esse não tem um futuro muito promissor não, porque o custo é alto e as pessoas logo vão descartando aqueles que cobram barato, mas que não colocam qualidade em seus materiais. (Entrevista 02)

Ressalta-se que a profissão de marceneiro geralmente é passada de geração em geração, e poucas empresas (de marceneiros proprietários) pensam na questão de “se ocorrer algo, para quem irá à marcenaria”, pois isso já é definido dentro da família. Galinari, Teixeira Júnior e Morgado (2015) afirma que se tem um baixo percentual de empresas que planejam a sucessão da marcenaria e que, a maioria dos sucessores das marcenarias são da própria família. Isto também está relacionado como a profissão foi passada em Muzambinho, onde a maioria dos trabalhadores conheceu o ofício devido a algum parente ou foi apresentado por um colega da família.

Outro aspecto ressaltado do futuro da marcenaria envolve a possibilidade do trabalhador poder usufruir daquilo que produz, tornando-se um fator de estagnação na profissão que pode gerar sentimentos de rejeição ao ofício, pois ele já não recebe muito bem e ainda assim não pode usufruir daquilo que produz.

Cada um vê um modo de trabalhar, isso daí envolve a economia, circulação de dinheiro. Eu acho que fazer e não ter é errado, poucos marceneiros tem as coisas dentro de casa, feitas na marcenaria mesmo. O patrão tem né, mas os funcionários são outra coisa, se tiver algo, é uma pequena porcentagem. (Entrevista 03)

Ao longo dos anos, também é possível verificar uma dificuldade para se encontrar mão de obra qualificada e também há uma forte presença de trabalho informal referente a esses trabalhadores. A mão de obra daqueles que entram são chamados de ‘moleques’, que são aqueles marceneiros que estão em período de aprendizado. Muitos enxergam um bom futuro a longo prazo e veem com bons olhos o futuro de sua profissão, entretanto, apontam que nem sempre alguém que entra em uma profissão deseja realizar aquele ofício, mas o faz devido à necessidade de ter que trabalhar em algo e a marcenaria, como um trabalho artesanal, nem sempre visa apenas o lucro, mas também a satisfação pessoal do trabalhador. “A pessoa não quer mais aprender uma profissão, ela quer um serviço e ganhar dinheiro, esse que é o problema de hoje” (Entrevista 04).

O desenvolvimento da profissão é feito ao longo do tempo, conforme referido. Os marceneiros envolvidos neste ramo levam em consideração, segundo suas avaliações, que os serviços prestados pelas marcenarias aumentam ano após ano, pois a demanda é grande, contudo, o número de profissionais na área vem sendo reduzido. “A profissão tende a aumentar. Pelo menos na área de madeira, a profissão tá diminuindo, né? Mas tende a aumentar o serviço” (Entrevista 05).

Para estes profissionais, aprender uma profissão e se considerar um marceneiro, aquele que possui uma habilidade de trabalho, envolve o desenvolvimento do ofício, a questão da força bruta e a formação profissional (grande número de cursos feitos ao longo do tempo, para aperfeiçoamento da profissão). A maioria iniciou na profissão quando era jovem e, nas entrevistas, é retratado a dificuldade de encontrar pessoas interessadas na área, principalmente pela falta de adesão nas marcenarias: “Arrumar profissional, fazer o profissional. Não tá podendo trabalhar, tem que ter a idade certa. A profissão não vai acabar não, mas tá difícil” (Entrevista 09).

Foi destacado ainda que a existência de concorrência entre as próprias marcenarias e seus profissionais é constante, e que os marceneiros ficam concorrendo uns com os outros e muitas vezes, reduzem a qualidade do produto que fornecem à clientela.

Não vejo competição com lojas não, não vejo, apesar que atrapalha um pouco, mas não vejo competição. Competição maior está entre as próprias marcenarias, principalmente no quesito financeiro, onde muitas marcenarias prezam muito mais o valor do que a qualidade, então, eles diminuem o valor, diminuem a qualidade, porém, acabam fazendo uma certa concorrência um pouco desleal. (Entrevista 02)

Eu não vejo competição com lojas de rede. Agora, com as outras marcenarias tem algum probleminha, mas não é grande coisa. O problema é principalmente no financeiro, esse povo faz muito financiamento. (Entrevista 03)

Não vejo competição com lojas de rede, mas com outras marcenarias, sim. Principalmente com aquelas que trabalham na mesma área, que é a de madeira. (Entrevista 05)

Há indicadores de uma mudança no perfil da classe operária, com o fortalecimento e ampliação das novas formas de controle do processo de trabalho e da classe trabalhadora, voltadas à valorização do capital. Assim, o trabalhador, que não reconhece seu trabalho no produto, alienado diante das desregulamentações estabelecidas pelo Estado e da fragmentação dos sindicatos, vivencia a informalidade e a precarização do trabalho em seu cotidiano (Thomaz Júnior, 2004).

Antunes (2010) afirma que bilhões de pessoas dependem do trabalho como a única forma exclusiva para a sua sobrevivência e suportam situações instáveis e precárias, vivenciando o desemprego, o que aumenta o contingente de trabalhadores(as) inserido em contextos de alienação, aprisionamento e unilateralidade no trabalho. Em escala global, toda a classe trabalhadora passa por uma retração e superexploração da força de trabalho, levando a altos índices de suicídio, desligamentos, baixas remunerações, entre outros.

As novas formas de trabalho envolvem o “infoproletariado”, os contratos de trabalho de *just-in-time*, jornadas de trabalho prolongadas, terceirização, trabalhos pagos a *voucher*, pejetização, freelancers permanentes, uberização e plataformização do trabalho. Na empresa moderna, o trabalho que se exige é aquele flexível, sem jornadas pré-determinadas e espaço laboral definido, sem remuneração fixa, direitos ou organização sindical. Isso leva à oscilação do trabalho e, na melhor das hipóteses, à disponibilidade para obter o privilégio da servidão (Antunes, 2018).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A compreensão do modo de produção capitalista e da descartabilidade na indústria de transformação envolvida no setor moveleiro aumenta ano após ano, fornecendo uma distribuição produtiva e sofisticação tecnológica para as marcenarias que, ligadas à indústria química e biológica, realizam modificações no processo de produção e no ofício dos trabalhadores deste no ramo, os marceneiros e moveleiros.

Através da pesquisa, foi realizada uma análise histórica e espacial a respeito da expropriação do trabalho artesanal e do trabalhador ao longo dos modos de produção analisados, levando em consideração o desenvolvimento industrial no Brasil e quais as conexões espaciais que levaram a esse arranjo nas cidades pequenas.

O ramo da marcenaria está inserido em uma rede de fornecimento dos insumos e de sua clientela que estão sobrepostas à dinâmica das redes que operam em outras escalas e interferem em sua atividade.

A maior articulação das redes, verificada atualmente, implica uma maior divisão do trabalho, especialização, mecanização e introdução de novas tecnologias que alteram as relações e modos de trabalho do marceneiro. Em consequência, a identidade desse ofício, vinculada ao artesanato, acaba sendo degradada.

Em Muzambinho-MG, apesar de ser uma cidade pequena, foi verificado que parte desse processo envolve a rede urbana observável, a tendência ao desaparecimento do marceneiro e o surgimento do moveleiro ao longo do processo de produção devido às novas formas de produção industrial.

As relações entre produtor e consumidor também foram observadas, considerando o público alvo dos marceneiros e quem é a sua clientela, e ainda como segmentos de outras classes sociais podem ou não ser atendidos por uma atividade que foi se tornando nichada ao longo do tempo devido ao alto custo apresentado.

Para isso, é necessário refletir sobre qual o valor de um móvel personalizado e o quanto compensa ser feito em um contexto que muda constantemente e o quão dispostas estão as pessoas a ficar com algo que possa ser permanente e que deve ser preservado ao longo dos anos numa sociedade em que as coisas são tão mutáveis.

Além disso, outro fator analisado na expropriação destes trabalhadores envolve a possibilidade de usufruir daquilo que produzem, se eles se consideram como artesãos, se apresentam indiferença ao sistema no qual estão inseridos, além da dificuldade de se encontrar uma mão de obra qualificada dentro do segmento.

Ao final, vemos que diversos trabalhadores se encontram distanciados das modalidades de trabalho valorizadas pela sociedade contemporânea (trabalho intelectual), já que estão próximos das tendências de assalariamento, proletarização e precarização do trabalho, pois muitos querem se diferenciar do operariado em geral.

REFERÊNCIAS

AMORIM FILHO, Oswaldo Bueno; SENA FILHO, Nelson de. **A morfologia das cidades médias**. Editora Vieira, 2007.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a Centralidade do Mundo do Trabalho. 11 ed. São Paulo: Cortez, Campinas – SP. Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2006.

ANTUNES, Ricardo. **O Privilégio da Servidão: o novo proletariado de serviços na era digital**. São Paulo: Boitempo, 2018. 325 p.

BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**. Vol. 2, nº1 (3), janeiro-julho, 2005, p. 68-80.

BLEICH, M. C. **Joaquim Tenreiro: arte, técnica e história no mobiliário brasileiro**. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2016.

CASTRIOTA, Leonardo Barei (Coord.). **Mestres artífices: Minas Gerais**. Brasília, DF: Iphan, 2012. (Cadernos de memória, 1).

CEARTE. Centro de Artesanato e Design dos Açores. **Repertório de atividades artesanais**. Disponível em: <<http://artesanato.azores.gov.pt/wpcontent/uploads/2016/08/repertorio-atividades-artesanais-e-notas-explicativas.pdf>> . Acesso em: 10 nov. 2023.

CORRÊA, Roberto Lobato. **A Rede Urbana**. São Paulo: Editora Ática, 1989.

CORRÊA, R. L. As pequenas cidades na confluência do urbano e do rural. **GEOUSP Espaço e Tempo (Online)**, [S. l.], v. 15, n. 3, p. 5-12, 2011. DOI: 10.11606/issn.2179-0892.geousp.2011.74228. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/74228>. Acesso em: 9 set. 2023.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Caminhos paralelos e entrecruzados**. São Paulo: Ed. UNESP, 2018. 321 p. Inclui bibliografia. ISBN 9788539307708 (broch.).

CORRÊA, Roberto Lobato. **Estudos sobre a rede urbana**. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil, 2006. 330 p. ISBN 8528611957 (broch.).

GALINARI, Rangel; TEIXEIRA JÚNIOR, Job. R; MORGADO, Ricardo. R. **A Competitividade da Indústria de Móveis do Brasil: situação atual e perspectivas**. BNDES Setorial, 37, p. 227-272. Rio de Janeiro: BNDES, 2013.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. Ed São Paulo: Atlas, 1999. 206 p. ISBN 8522422702 (broch.).

GONÇALVES, Camila Araujo. **As Artes Menores, o Ensino do Desenho e a Valorização do Ofício na Sociedade Amparense no início do século XX**. Patrimônio Industrial Ibero-americano: recentes abordagens, edité par Sheila Palomares Alarcón et al., Publicações do CIDEHUS, 2020, <https://doi.org/10.4000/books.cidehus.14422>.

GORZ, André. **O Imaterial – Conhecimento, Valor e Capital**. SP: Editora Annablume, 2005.

HARVEY, David. **17 contradições e o fim do capitalismo**. São Paulo: Boitempo, 2016. 297 p., il. Inclui bibliografia e índice. ISBN 9788575595022 (broch.).

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **IBGE Cidades**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/muzambinho/panorama>>. Acesso: 23 nov. 2024.

MARX, Karl. **Grundrisse**: Manuscritos econômicos de 1857-1858. Esboços da crítica da economia política. O método da economia política. São Paulo: Boitempo, 2011.

MARX, K. **O capital**. V. I, tomo 1. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

PENA, P. G.; GOMES, A. R. A exploração do corpo no trabalho ao longo da história. In: VASCONCELLOS, L.C.F, OLIVEIRA, M. H.B. (org.). **Saúde, Trabalho e Direito**: Uma trajetória crítica e a crítica de uma trajetória. Rio de Janeiro: Educam; 2011. 600p.

SAGGIORATO, Bruno. Dinâmica geoeconômica da indústria de móveis no Brasil. **Geo UERJ**, [S. l.], n. 42, p. e64880, 2023. DOI: 10.12957/geouerj.2023.64880. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/geouerj/article/view/64880>. Acesso em: 12 nov. 2023.

SANTOS, M.; ALMEIDA, A. Principais riscos e fatores de risco ocupacionais dos marceneiros e carpinteiros, bem como doenças profissionais associadas e medidas de proteção recomendadas. **Revista Portuguesa de Saúde Ocupacional online**. 2016, volume 1, S006-S019. Disponível em: <https://www.rpso.pt/risco-ocupacionais-carpinteiros/>. Acesso em: 12 nov. 2023.

SEBRAE. **Como montar uma marcenaria**. Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/ideias/como-montar-umamarcenaria,7b987a51b9105410VgnVCM1000003b74010aRCRD>>. Acesso em: 14 fev. 2024.

SENNETT, Richard. **O Artífice** [recurso eletrônico]. 1 ed. Rio de Janeiro: Record, 2019.

SILVA, Flávia Leão Almeida. **Trabalho artesanal e suas inter-relações com o universo doméstico: estudos de caso em Viçosa, MG**. 2014. 99 f. Dissertação (Mestrado em Economia Doméstica), Universidade Federal de Viçosa, Viçosa. 2014.

THOMAZ JÚNIOR., A. Geografia do trabalho por inteiro. **Pegada – A Revista da Geografia do Trabalho**, [S. l.], v. 19, n. 2, 2018. DOI: 10.33026/peg.v19i2.6000. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/pegada/article/view/6000>. Acesso em: 8 nov. 2023.

THOMAZ JÚNIOR, A. A Geografia no mundo do trabalho na viragem do século XXI. **Geosul**, Florianópolis, v. 19, n.37, p7-26, jan./jun. 2004.

THOMAZ JÚNIOR., A. Por uma geografia do trabalho. **Pegada – A Revista da Geografia do Trabalho**, Vol. 3 (2002): Número Especial. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/pegada/article/view/786>. Acesso em: 8 nov. 2023.

THOMAZ JÚNIOR, Antonio. Por uma geografia do trabalho! (reflexões preliminares). **Revista Tamoios**, São Gonçalo, v. 1, n. 1, 2010. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/tamoios/article/view/585>. Acesso em: 28 fev. 2025.

Submetido em: março de 2025

Aceito em: outubro de 2025